

---

# Prudência nas Ciências Administrativas diante de possíveis mudanças epistemológicas: elementos centrais na construção do conhecimento sobre controle organizacional

## Prudence in Management Sciences in Face of Possible Epistemological Changes: central elements in the construction of knowledge about organizational control

JÉSSICA MOLITERNO GENÚ 

SÉRGIO CARVALHO BENÍCIO DE MELO 

DEBORA COUTINHO PASCHOAL DOURADO 

### RESUMO

As ciências administrativas são caracterizadas pela subjetividade subjacente ao comportamento humano e sua interpretação da realidade. Porém, muitos elementos centrais na construção do conhecimento em Administração permanecem no anonimato, enquanto outros são distorcidos. Nesta conjuntura, os estudos correntes sobre controle organizacional se inclinam a negligenciar uma visão ontoepistemológica mais ampla, ignorando processos reflexivos do fazer ciência. Partindo daí, este ensaio visa refletir o conhecimento sobre controle organizacional e como este ainda é edificado a partir de pressupostos epistemológicos “imprudentes” considerando os aspectos contextuais de hoje. Para isso foram consideradas as seguintes teorias: o Pluralismo Metodológico de Paul Feyerabend; a Dupla Ruptura Epistemológica de Boaventura Souza Santos; e a Historicidade e Incomensurabilidade de Thomas Kuhn. Observou-se que há possibilidade de confluência e alinhamento dessas questões com o campo, carregando influên-

cias do contexto e contribuições de outras áreas, entretanto a consideração do senso comum e da subjetividade ainda precisa ser melhor desenvolvida. Conclui-se que a aplicabilidade dos elementos centrais dessas teorias de forma isolada não permite clareza na interpretação dos fenômenos de acordo com a realidade vivenciada.

**Palavras-chave:** Prudência nas Ciências Administrativas; Mudanças Epistemológicas; Controle Organizacional.

## **ABSTRACT**

Management sciences are characterized by the subjectivity underlying human behavior and its interpretation of reality. However, many central elements in the construction of knowledge in Management remain anonymous, while others are distorted. At this juncture, current studies on organizational control tend to neglect a broader onto-epistemological view, ignoring reflexive processes in doing science. From this point, this essay aims to reflect the knowledge about organizational control and how it is still built from “reckless” epistemological assumptions considering today’s contextual aspects. For this, the following theories were considered: the Methodological Pluralism of Paul Feyerabend; the Dual Epistemological Rupture by Boaventura Souza Santos; and Thomas Kuhn’s Historicity and Incommensurability. It was observed that there is a possibility of confluence and alignment of these issues with the field, carrying influences from the context and contributions from other areas, however considerations regarding common sense and subjectivity still needs to be better developed. Conclusions are drawn pointing out that the applicability of the central elements of these theories in isolation does not allow clarity in the interpretation of the phenomena according to the experienced reality.

**Keywords:** Prudence in Management Sciences; Epistemological Changes; Organizational Control.

## **1. INTRODUÇÃO**

A heterogeneidade da produção do conhecimento característico das ciências administrativas é observada nos últimos anos. Há um caldeirão de sapiências destrinchadas, por vezes de modo incongruente com a realidade praticada, que alinhadas à facilidade dos

processos de transmissão de informações, requerem do pesquisador uma reflexão ontoepistemológica com vistas a adaptar o conhecimento com a realidade concreta. Assim, o processo reflexivo acerca da prudência ao se desenvolver ciência é exigido, considerando que o entendimento do fenômeno adentra nos aspectos subjetivos do comportamento humano, sendo necessários elementos para sua compreensão (Santos, 2018).

Diversas são as contribuições advindas de pensadores como Thomás Kuhn, ao abordar a incomensurabilidade, historicidade e não neutralidade dos estudos; Paul Feyerabend ao defender a ideia do pluralismo metodológico (Agassi, 2014) e Boaventura Souza Santos apresentando a importância do senso comum, facilitando de modo significativo o processo de reflexão no fomento de pesquisas e suas aplicações. Algumas dessas contribuições norteiam a importância da relatividade dos eventos; da universalidade e da transitoriedade de paradigmas, que se apresentam como passíveis de ponderações tendo em vista que os fenômenos sociais são interdisciplinares e dependentes de uma nova formatação de pesquisa com base em uma visão ampla e profunda do pesquisador como ser social.

As teorias despontam por vezes como mecanismos simplificadores da realidade, no qual o método científico configura-se como única abordagem do conhecimento, esquecendo ocasionalmente do fator social, inclusive do senso comum. Acredita-se que a responsabilidade na construção e disseminação do conhecimento deve andar de mãos dadas com a produção do conhecimento (Santos, 2018). Reconhecendo a relevância do senso comum na construção do conhecimento, Santos (2000) reforça o caminho para a edificação de uma ciência pós-moderna agregadora de valores na formação da consciência. Para o autor, a ignorância não se produz ao acaso.

Nesse sentido, pontua-se que os estudos administrativos sobre mecanismos de controle emergem no geral sob uma perspectiva funcionalista e pragmática. Tal fato compreende o reflexo do regime capitalista nas formas de incentivo e verificação de comportamentos. Adentrando na captação histórica é interessante observar que a partir das revoluções industriais houve o fortalecimento da acumulação de capital revestido do assalto do paradigma nomeado por Gaulejac (2007) como utilitarista, embasado na instrumentalização

da força humana para fins de remuneração do capital de qualquer modo. Imersos no contexto de mudanças constantes, a implementação da economia verde aflora como combatente central da economia do carbono inaugurada a partir das revoluções industriais, expondo o cenário de constantes adaptações nas ciências administrativas e no contexto de trabalho.

A forma de “fazer o trabalho” sofreu mudanças, e por consequência os modos de controle também foram impactados exigindo da gestão novos mecanismos que atendessem as demandas vigentes (Silva, 2003). O controle, anteriormente exercido de modo explícito e coercitivo, desempenha um papel mais discreto e potente na pós-modernidade, exigindo um novo paradigma com base na tecnologia e na sociedade informacional, que reformula os olhares na construção e exibição de saberes.

Motta (1993) explica que o controle das organizações adentra no campo das ideias, invadindo os valores e crenças pessoais com intuito de estabelecer comportamentos direcionados para maior produtividade, e acarretando por consequência, alienação do trabalhador. Entretanto, a literatura acerca dos mecanismos de controle expressa uma concentração de conhecimentos em uma ótica funcionalista, quantitativa e pragmática, condizente com as práticas adotadas nas ciências naturais, mas incoerente com as características presentes na realidade que transpassam o limite do observável e adentram nas esferas subjetivas e pessoais, sendo necessárias reflexões sobre a construção e transmissão desse conhecimento na prática acadêmica.

Considerando este preâmbulo e entendendo a importância da construção e disseminação do conhecimento de uma forma prudente, este ensaio tem o objetivo de discutir abordagens a respeito do controle organizacional a partir de olhares dos elementos centrais da epistemologia de Khun, Feyrabend e Santos. Não se pretende buscar algum tipo de integração teórica, e sim refletir acerca do desenvolvimento de abordagens do controle organizacional admitindo o caráter subjetivo do seu impacto, sendo produto da interação humana em determinado período, e não uma lógica pragmática universal. Para isso foram selecionados conceitos advindos dos trabalhos de Thomas Kuhn, Paul Feyerabend e Boaventura de Souza Santos.

Entende-se a necessidade de se abordar os contributos desses autores para a construção de uma ciência mais coerente com a realidade investigada ao se considerar o campo das ciências administrativas rico de aspectos subjetivos e por outro lado, repleto de trabalho com propostas quantitativas e objetivistas. Para isso serão discutidos os elementos centrais no fomento de pesquisas e posteriormente os olhares sobre os estudos administrativos que versam sobre o controle organizacional.

## **2. ELEMENTOS CENTRAIS NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO**

Dilemas acerca da construção do conhecimento são frequentes no campo acadêmico a partir de múltiplas perspectivas, que geralmente abarcam uma vertente direcionada mais para o objetivismo ou subjetivismo. Na perspectiva objetivista, o objeto e a observação dos fatos são fundamentais no entendimento da realidade, enquanto o subjetivismo consiste no enfoque do sujeito e conceitos subjacentes à sua realidade (Santos, 2000). Cunliffe (2010) colabora apresentando a importância da compreensão das diferenças entre as vertentes, ressaltando a consciência na postura do pesquisador ao fomentar o conhecimento, na qual o sujeito se apresenta de forma discursiva e consciente que pode gerar traços objetivos ou interpretações subjetivas. Assim, existe uma intersubjetividade atrelada às tipologias que por vezes não condizem com a prática das pesquisas adotadas nas ciências administrativas devendo ser reconsideradas.

Deste modo, são necessárias reflexões críticas, inclusive no sentido ontológico, como uma forma de revisão da estética vivenciada, devendo ser papel do pesquisador o questionamento sobre o sujeito epistêmico (Santos, 2000), se caracterizando como um processo complexo vinculado à prática íntima e visão pessoal (Mills, 2000). Assim, todo conhecimento envolve o contexto da descoberta agregando tanto comunidades científicas como a sociedade.

Nesse sentido, Alvin Gouldner pontua a necessidade da sociologia reflexiva que pressupõe uma consciência de si a partir de uma crítica ideológica, em que a investigação não é apenas suficiente para manutenção da matéria, sendo fundamental a análise do papel social e da práxis pessoal no fomento da pesquisa (Haguette, 1990). A consciência das premissas do cientista é uma característica da re-

flexibilidade que se constitui como um processo cíclico e voluntário no decorrer da elucidação das pesquisas, mas é uma expressão que deve ser pensada no seu todo, na sua totalidade, na ciência como prática e não apenas no sujeito e seus utensílios (Santos, 2000).

Compreende-se que a construção do conhecimento não é um processo simples e objetivo, requerendo do pesquisador uma série de entendimentos para a concepção de uma ciência congruente com a realidade social. Nesta seção serão discutidos os principais elementos considerados no fazer conhecimento, a saber: historicidade e incomensurabilidade (Kuhn, 2020); a dupla ruptura epistemológica e sua (re)valorização do senso comum (Santos, 2000); e o permear da interdisciplinaridade com algo fundamental a todas as epistemologias (Feyerabend, 1970). Apesar de alguns dos conceitos serem considerados em estudos como incompatíveis entre si, compreende-se que há uma interseção e complementariedade entre eles. Os achados dos autores elencados vão muito além dos termos aqui apresentados, englobando também aspectos como a não neutralidade, relações de poder, força das comunidades científicas, dentre outras. Todavia, optou-se pela inclusão dos conceitos mais disseminados a partir do reconhecimento das suas obras prestigiosas.

### **3. HISTORICIDADE E INCOMENSURABILIDADE**

A partir dos achados de Thomas Kuhn provenientes de sua pesquisa acerca das comunidades científicas, transição de paradigmas e incomensurabilidade entre conhecimentos tem-se a ciência como isenta de neutralidade sendo influenciada inclusive por comunidades não científicas para determinados fins. Nesse contexto, a historicidade também se torna significativa para o fomento de pesquisas por colaborar para o entendimento dos acontecimentos do período (Agassi, 2014).

Visando compreender a incomensurabilidade, se faz necessária a explanação sumária sobre a falseabilidade proposta nos estudos de Karl Popper alinhada à crítica social. A teoria falibilista da lógica, abordada por Agassi (2014), defende que as leis e teorias são conjecturais, ou seja, transcende com o tempo sendo impossível haver a verdade absoluta, assim todo conhecimento é passível de correções. Referente à validade da ciência como conhecimento, Popper se po-

siciona a partir da observação e da refutabilidade, indicando que a ciência se baseia em observações, entretanto o que irá garantir que o conhecimento gerado é válido é a falseabilidade que é um caminho para o progresso (Agassi, 2014).

O desvio do método correto é retratado por Popper como uma das razões fundamentais de erros em pesquisas científicas. O enquadramento da indução e da dedução é atribuído aos conceitos de ciência e não-ciência, onde a indução é retratada como método por ser baseada em observação variável de acordo com as circunstâncias, sendo a dedução considerada como coerente para fins de pesquisas científicas (Popper, 2003). Deste modo, a colocação de problemas, hipóteses e falseabilidade são etapas da ciência. O termo “otimismo filosófico” é cunhado por Popper ao defender que a refutabilidade não deve ser encarada como algo negativista, pois permite a progressão dos estudos, quebrando com o verificacionismo e apresenta uma ideia revolucionária que desconstrói as teorias como verdades absolutas. A validade da teoria encontra-se na refutação da hipótese, quando ela resiste é comprovada o rigor que quantifica, desqualifica a pesquisa, os tornando objeto, perdendo em riqueza (Santos, 2018). Estudar um objeto sem considerar as variáveis impactantes se torna limitação de pesquisa; todas as fronteiras são impossíveis de se conhecer.

Popper nos apresenta a ideia de demarcação, ou seja, da separação de ciência da pseudociência buscando estabelecer critérios de delimitação para que houvesse essa segmentação. Por outro lado, o físico Thomas Kuhn (2020) aponta a incompatibilidade de teorias ao se considerar o paradigma como unidade metodológica norteadora do fomento das pesquisas. Morgan e Smirch (1980) argumentam que as diferenças entre paradigmas garantem a incomensurabilidade não sendo possível determinar critérios universais de julgamentos entre paradigmas, mas apresentando a ideia dos pressupostos como fundamentais para sustentação destes.

Apesar de o paradigma estabelecer meios direcionados a resolução de questões, não há garantia de continuidade no mesmo podendo haver rupturas paradigmáticas e o surgimento de novos paradigmas, todavia, não significa dizer que há um paradigma melhor que outro, e sim que podem surgir paradigmas mais condi-



zentes com o atendimento das anomalias que vão surgindo, sendo incomensuráveis (Damasceno; Sales, 2021). A partir desta incompatibilidade, a incomensurabilidade se apresenta como ponto de reflexão ao se fazer ciência e produzir conhecimento. Assim como um jogo de quebra cabeças, o paradigma de um cientista não pode ser posto em cheque por estabelecer as regras do jogo, deste modo é inviável comensurar por meio da falseabilidade qual ou quais as teorias “melhores”, entretanto é possível entender a aceitabilidade e produção científica ao se considerar o contexto social vivenciado que permitiu o embasamento destas (Kuhn, 2020).

Feyerabend (1970) corrobora afirmando a incompatibilidade entre teorias ao acreditar que cada uma destas apresenta uma linguagem diferente, assim como a ausência de autoridade uma nova teoria para refutar a anterior. O entendimento de produzir conhecimento na contemporaneidade é análogo a uma indústria de manufatura, conforme salientado por Santos (2000); a produção do conhecimento se vincula a relação de rentabilidade das pesquisas por meio de uma industrialização da ciência e do processo de transformação dos cientistas em uma classe proletarizada submissa ao sistema de patentes. Essa reflexão se faz necessária para o entendimento das relações de poder e dos interesses das classes dominantes na produção da ciência. Entendem-se as comunidades científicas como influenciadoras na forma de produção e disseminação do conhecimento, ocupando um papel intermediador do que é divulgada para a sociedade. É a partir daí que o cientista deve se questionar acerca das suas pesquisas, interesses envolvidos e contexto histórico observado.

A alteração substancial de teorias se embasa no comprometimento com o novo paradigma que carrega pressupostos ontológicos das comunidades científicas e tem a capacidade de gerar uma nova ciência normal. Assim, não há neutralidade que propicie a comparação entre paradigmas, não podendo se desenvolver uma visão absoluta, bem como, não é possível o estabelecimento de regras universais que garantam a superioridade de uma corrente, devido também ao contexto e aspectos históricos que o mesmo apresenta (Pondé, 2017). A historicidade desponta como fundamental para interpretação da realidade e o entendimento dos fenômenos sociais. Quando o pesquisador desenvolve seus estudos sem considerar o



contexto e as suas características, os seus resultados podem não ser entendidos em sua totalidade, sendo assim é preciso que o ato de pesquisa transpasse as fronteiras objetivas e reproduza uma visão holística do fato e suas vertentes (Kuhn, 2020).

#### **4. SENSO COMUM E PLURALISMO**

O pensamento não científico, pode ser dividido em estudos humanísticos ou senso comum. Não se enquadrando nas ciências ditas “normais”, a ciência moderna desconfia sistematicamente das evidências advindas das sensações. Santos (2018) defende uma posição epistemológica antipositivista, ao considerar o positivismo de Augusto Comte afastado da teologia e da metafísica, ou seja, a teoria só é ponderada se houver métodos científicos válidos, sendo contrários às crenças. Assim, reitera que outros conhecimentos, além do científico também são verdadeiros, advindos inclusive do senso comum.

Nesse sentido, compete contribuir a partir da lei dos três estados ao buscar a compreensão da evolução do conhecimento humano, onde primeiramente a teologia que surge para explicar a realidade por meio dos aspectos sobrenaturais. O segundo estágio compreende a metafísica como ferramenta explicativa para buscar respostas para o ser humano. Por último, a observação do concreto foi introduzida a partir do positivismo. Em contrapartida, o senso comum desponta por vezes de modo contrário à ciência à medida que muitos desses achados advém de tradicionalismos culturais ou percepções individuais. Tal percepção instiga o preconceito da ciência moderna com o senso comum e com conhecimentos contrários a esta

Santos (2018) colabora pontuando o senso comum como algo positivo baseado em ação, experiência de vida, não orientação para produção, sendo assim uma contribuição para um projeto de emancipação cultural e social. O senso comum também desponta na perspectiva de Popper como básico para a formação do conhecimento mais elevado (Agassi, 2014). Apresentando uma ruptura epistemológica se tem a ideia da incorporação do conhecimento científico ao senso comum, caracterizado por uma interdisciplinaridade de saberes. Assim, não deve haver oposição entre senso comum e a ciência e sim uma aproximação permitindo que a ciência

deva transformar-se no novo senso comum. Os contributos sejam eles positivos ou não precisam ser mantidos para analisar esse papel, para isso perguntas reflexivas contribuem no entendimento da complexidade de saberes (Santos, 2018).

A teoria da complexidade de Almeida e Carvalho (1997) contribui indicando que não se deve olhar os saberes de maneira estratificada, e sim analisar em sua totalidade, desenvolvendo um olhar holístico sobre o conhecimento. A teoria então pode representar pontos substantivos ou ideológicos formalizados, exigindo a adequação com a prática. A ideia de que o rigor científico se mede pela quantificação se constitui como um paradigma dominante, contribuindo para o entendimento da não complexidade da natureza. Os mecanicismos mais adequados aos interesses da burguesia ascendente são considerados ao fazer ciência, que Santos (2018) aponta de modo análogo com uma máquina encarando os paradigmas da ciência moderna sem compreensão real.

Numa perspectiva naturalista, Feyerabend (1970) apresenta uma visão do pluralismo metodológico adentrando nas peculiaridades acerca da universalidade e de uma visão holística da construção da ciência e da compreensão do real. Crítico de Popper, o autor defende o pluralismo pró-ciência sem método científico e universal, o avanço da ciência só se dá por meio da quebra de regras metodológicas, de certa maneira, subscrevendo o posicionamento de Kuhn (1967). Assim, o pluralismo racional apresenta a possibilidade do conhecimento não engessado passível de mudanças ao se considerar o contexto e novas ideias. A importância concentra-se no estímulo ao questionamento e não aos resultados, os cidadãos maduros desenvolvem a visão crítica que podem tomar decisões de forma coerente. Deste modo, o progresso se apresenta com um pluralismo teórico na qual a ciência busca dar sentido ao desconhecido.

Assim, a busca pelo sentido adentra também nos fenômenos sociais que também podem ser estudados como fenômenos das ciências administrativas tendo em vista que essa área se encontra próxima à realidade observada, devendo abarcar com todas a riqueza pertencente à subjetividade do complexo real (Roesch, 1986). No paradigma emergente o conhecimento é total, devendo existir uma pluralidade de métodos, quanto mais rigoroso mais restrito é o

objetivo que nele assiste. É importante o diálogo com outras teorias. Do mesmo modo que a ausência de produção do conhecimento é preocupante, também se torna ponto de preocupação sua produção de qualquer modo. Sendo assim, devem-se considerar as questões do conhecimento vinculado com áreas diversas, assim como o papel da reflexividade nesse processo, indo além de um critério de qualidade em pesquisa, mas sendo considerado ponto básico para efetivação dos estudos. O ignorante especializado não compreende o todo, observa apenas sua especialidade.

Cada pesquisador considerado apresentou uma visão peculiar do fazer ciência condizente com o contexto vivenciado. Entretanto, variáveis como o tempo, cultura e política não são evidenciadas de modo explícito nesse cenário. A partir da produção da ciência e seu vínculo com as práticas atuais se tem que ainda há uma concepção das ciências administrativas em produzir estudos de natureza objetiva e pragmática desconsiderando o senso comum e aspectos subjetivos inerentes ao fenômeno investigado.

## **5. OLHARES SOBRE O CONTROLE NOS ESTUDOS ADMINISTRATIVOS**

A perspectiva funcionalista é presente em grande parte dos estudos que versam sobre controle e suas dimensões técnicas, assumindo diferentes roupagens a depender dos interesses de posições dominantes que estimulam determinados tipos de produção (Silva, 2003). O controle que a partir das revoluções industriais era realizado por meio de uma figura de supervisores e com o aparato de hierarquias rígidas, normas explícitas e processos burocráticos bem definidos e explícitos, foi ganhando uma nova configuração ao longo do tempo a partir da inserção do paradigma tecnológico, o qual segundo Motta (1993) é um dos principais responsáveis pela caracterização do que ele chama de empresas informacionais. Deste modo, o paradigma que antes tinha de base à burocracia e a hierarquia, é substituído por um paradigma mais condizente com a realidade da sociedade contemporânea e suas características como agilidade, transitoriedade das relações, fluxo de informações e formação de redes.

Nesse sentido, retomam-se os achados de Kuhn (2020) quando reflete que não há paradigma melhor, mas que há o abandono de

paradigmas a partir da existência de anomalias que geram crises. Dito de outro modo, a imersão de um novo paradigma é efetivada a partir do momento que o paradigma anterior não se adequa às demandas sociais. A historicidade também é vista ao se considerar o contexto como influenciador de novas demandas, neste caso a junção do controle e da tecnologia se apresenta como um casamento pós-moderno gerador de diferentes formas de exploração. A força do trabalho assume diferentes formatos, sendo análoga a uma mercadoria que se representa a partir do tempo dedicado pelo trabalhador (Filenga; Vieira, 2012; Franco; Ferraz, 2019).

Outro recorte que representa a transitoriedade entre paradigmas centra-se na retomada da essência do trabalho ao longo do tempo. Nas primeiras revoluções industriais desenvolvia-se um paradigma com base a unificação organizacional com vistas à produtividade e divisão de tarefas, ao longo do tempo apoiado nas interferências das guerras e da quarta revolução industrial emerge esse paradigma que tem como base a tecnologia gerencial de controle (Ferreira, 2006). A partir da inserção da tecnologia no contexto organizacional, o trabalho desempenha a configuração de redes compartilhadas, embasadas na flexibilidade e na velocidade das informações, assim, há a indivisibilidade do capitalismo e informacionismo, que Castells (2014) oferece na conjectura de redes (trans)informacionais caracterizadas pela intelectualidade, velocidade, transitoriedade e invisibilidade de fronteiras, adornos de um paradigma tecnológico.

Bessi, Zimmer e Griski (2007) observam que esse paradigma impacta nas questões de espaço e temporalidade, afirmando que diferente dos controles observados nas revoluções industriais, no âmbito pós-moderno o controle se dá por dispositivos tecnológicos que não necessitam de uma delimitação de espaços com base no confinamento funcional. Há uma reorganização da gestão com vistas à especialização do trabalho direcionada para as demandas vigentes, sendo assim, além da qualificação também são requeridas habilidades comportamentais na condução das atividades, as quais irão favorecer no autocontrole adentrando em uma esfera imaterial. Os aparatos tecnológicos emergem como uma gestão descentralizada com capacidade de processamento aumentada para a avaliação e

controle de desempenho. Nessa lógica, a visão do chefe é substituída pelas câmeras, computadores, internet, inteligência artificial e algoritmos, condizentes com quadro das empresas em rede, se adequando às características do contexto histórico no qual está imerso (Bessi; Zimmer; Griski, 2007).

A inserção de tecnologia no ambiente organizacional desponha como irmão xifópago; por um lado é fundamental para maior agilidade nos processos, por outro dá margem a precarização do trabalho na sociedade contemporânea ao transpor limites que vão além dos muros administrativos. Assim, se tem a junção de duas áreas de conhecimento a fim de perseguir novas formas de aumento de desempenho nas organizações através de aparatos cada vez mais sofisticados e discretos, tipificando o aspecto interdisciplinar da construção do conhecimento conforme retratado por Almeida e Carvalho (1997). Além dos artefatos visíveis, os novos meios de controle retratados nos estudos, adentram no campo das ideias pessoais estabelecendo moldes comportamentais que caracterizam o que Ramos (1989) nomeia como Síndrome Comportamentalista. Motta (1993) verifica que as organizações são equiparadas a igrejas sagradas por estabelecerem dogmas incontestáveis que são seguidos pelos seus fiéis. Essa analogia é interessante no que tange a imposição sutil dos meios de controle das empresas informacionais, diferentemente das organizações atuantes no período da revolução industrial, essas empresas usam apetrechos tecnológicos que permitem maior discricção e eficiência no controle comportamental direcionado para a máxima eficiência que o sistema capitalista requer.

A construção e disseminação do conhecimento sobre esses novos meios de controle se dá muitas vezes apresentando um caráter não reflexivo das consequências na qualidade de vida do trabalhador, reflexo da obstinação pela produtividade e aumento de desempenho característico do sistema de produção capitalista. A funcionalidade do controle ainda se encontra presente em grande parte dos conhecimentos publicados, concordando com uma postura excludente do cenário de dominação. O pensamento pós-moderno interpõe ao paradigma tecnológico uma nova lente de observação das relações na qual a virtualidade se apresenta como uma nova ontologia, coadunando com a construção de uma multiplicidade metodológica e

interdisciplinaridade pela junção de áreas distintas para um mesmo fim, conforme defendido por Feyerabend (1970).

Para exercício do controle em organizações informacionais não é mais preciso a presença física do ser humano. São muitas as formas práticas e subjetivas que as empresas tem feito uso, cita-se como exemplo o registro de ponto eletrônico, o uso de celulares corporativos, a instalação de câmeras na organização, o acompanhamento das redes sociais dos funcionários e muitas outras formas que são colocadas em práticas sem considerar os limites da vida privada. Nesse aspecto o funcionário se vê cada vez mais estimulado a aumentar a produtividade e essa cobrança vem maquiada com a ideia de flexibilidade no trabalho, passando o sentido de fluidez e autonomia na prestação do serviço que não é nada mais do que o estímulo constante ao desempenho. Assim, as empresas informacionais não fazem o controle necessariamente por meios de ordens e regras delimitadas, mas revestem os seus integrantes da missão e valores organizacionais praticados pela alta cúpula administrativa, servindo como moldes comportamentais direcionados para o aumento da produtividade.

A partir dos moldes comportamentais estruturados, a organização desempenha uma função semelhante a uma igreja ditadora de normas que se equiparam a escritos sagrados seguidos e praticados pelos seus discípulos, caracterizando uma maior eficácia do controle a partir da invisibilidade deste e da adesão do indivíduo à cultura e missão organizacional (Ahrne, Brusson, Seidl, 2016). Deste modo, considerar o senso comum estimado por Santos (2018) na formação e disseminação do conhecimento, é relevante para os pesquisadores que por meio de um processo reflexivo, devem atentar em demonstrar as duas faces da realidade para maior compreensão do fenômeno e seus impactos na sua totalidade. Lave e Wenger (1991) expõem que a construção do conhecimento envolve os âmbitos tácito e explícito, entretanto a sua produção decorre através de grupos de pessoas que desenvolvem atividades similares e incentivam no geral a natureza pragmática na sua geração. Retoma-se que as ciências administrativas são ricas em aspectos subjetivos e interpretativos por envolverem fenômenos que requerem dos estudiosos a cura da miopia ao se olhar apenas para aspectos objetivos e práticos na

forma de controle, desconsiderando os processos ocultos subjacentes e o real impacto em nível de valores e vida pessoal do trabalhador.

Os elementos centrais aqui expostos são alguns dos muitos exemplos que podem ser praticados e refletidos no fomento de pesquisas no campo das ciências administrativas para que haja melhor direcionamento e transmissão das informações para a sociedade. A ciência a serviço da sociedade deve caminhar de mãos dadas para o estímulo do seu progresso indo além da perspectiva capitalista e considerando aspectos individuais e sociais do seu uso.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que significa prudência nas ciências? Essa questão se mostra de modo controverso nas ciências administrativas. A discussão aqui realizada não garante a conclusão de uma indicação prescritiva para tal indagação, mas sugere alguns elementos centrais norteadores da produção do conhecimento. Trata-se na verdade do acompanhamento das mudanças reais e seus reflexos na transmissão de saberes que deve ser feito de maneira elucidativa e ampla pela ciência.

Compreendendo que a ciência se apresenta como protagonista na produção do conhecimento, buscou-se o entendimento acerca da sua construção e do seu reflexo na sociedade. O processo de construção das pesquisas foi caracterizado por posicionamentos epistemológicos diversos, o que permitiu a interpretação de uma gama de visões e proposições de questões que devem ser consideradas pelo pesquisador.

O fomento de pesquisa é uma caminhada que vai além do destino final, englobando o processo reflexivo durante toda a jornada, análogo a um viajante que à medida que caminha, observa as paisagens verificando se continua no caminho certo, ou se por ventura, se perdeu outrora. Enfim, é um processo que em envolve muito mais que aspectos objetivos de mensuração, analogamente a máxima de que um mais um são dois, no campo das ciências administrativas, não se apresenta como verdade absoluta. A prudência na busca por respostas deve ser considerada e um modo de construí-la consiste na visita às ideias centrais expostas por grandes pensadores que apresentaram contribuições científicas passíveis de entendimento e reflexão na geração de novos conhecimentos.



As questões centrais consideradas neste ensaio foram interdisciplinaridade, senso comum, historicidade e incomensurabilidade. A interdisciplinaridade entre conhecimentos caminha de mãos dadas com a incomensurabilidade a medida que se admite a não hierarquia de saberes e métodos, e sim a diferença e complementaridade entre os mesmos considerando características inerentes a realidade observada. Nesse sentido, considera-se também a historicidade ao admitir a influencia de acontecimentos históricos no processo de desenvolvimento da ciência e na disseminação de saberes pelas comunidades científicas. O senso comum também se apresenta como fundamental ao se direcionar um olhar de parceira com a construção do conhecimento, e não um olhar antagônico que impossibilita a evolução de saberes compartilhados pela sociedade.

Ao identificar as possibilidades de confluência entre o alinhamento dessas questões percebeu-se que o campo dos estudos administrativos que versam sobre controle, carrega ainda que de modo indireto, influências do contexto de análise, aspectos históricos e de contribuições de outras áreas de conhecimento, entretanto a consideração do senso comum e da subjetividade inerente a esses achados ainda precisa ser melhor exposta. A construção do conhecimento se dá muitas vezes com um caráter não reflexivo das consequências na qualidade de vida do trabalhador, reflexo da obstinação pela produtividade e aumento de desempenho característico do sistema de produção capitalista, concordando com uma postura excludente do cenário de dominação. Propõe-se uma visão holística no fomento de novas pesquisas sobre o fenômeno e o esclarecimento aos leitores acerca das principais práticas e consequências no cotidiano do trabalhador.

Mais do que a identificação da presença dos elementos ao se analisar a trajetória dos estudos administrativos sobre o controle e seu equilíbrio com a realidade, fica mais evidente o interesse pelo desenvolvimento do conhecimento desconsiderando os impactos subjetivos ocasionados pelo uso irrestrito desses aparatos tecnológicos na saúde e comportamento do trabalhador. O trabalho se apresenta como instigador de reflexões ao passo que sem ele há prestadores de serviços componentes de um exército-reserva, o que nos indica a necessidade de novas elucidações sobre a categoria trabalho. Abre-se espaço também para reflexão de que o conhe-

cimento passado pode não ser mais suficiente, e em muitos casos sequer adequado para lidarmos com o que está por vir, mas qualquer suposição de vertentes futuras se difunde como especulação e como tal, não pode ser tratada como ciência certa, na melhor das hipóteses, mera conjectura.

Recomenda-se para futuras pesquisas uma análise comparativa entre organizações atuantes no contexto brasileiro com inserções tecnológicas fortalecidas e organizações com culturas mais tradicionais, visando verificar similaridades entre os impactos dessas formas de controle na percepção dos funcionários. Uma boa garimpagem ainda pode revelar organizações que não se encaixam em nenhuma das situações descritas acima. Essas podem estar guardando segredos inestimáveis ligados à cultura organizacional, em especial no tocante ao controle. A contribuição teórica consiste em clarear os pesquisadores na edificação de um conhecimento cauteloso acerca dos estudos administrativos que versam sobre o controle, considerando elementos centrais expostos por autoridades da ciência e conhecimento, em busca de um “conhecimento prudente para uma vida descente”, conforme advoga Santos (2018).

## REFERÊNCIAS

- Agassi, J. (2014). *Popper and His Popular Critics: Thomas Kuhn, Paul Feyerabend and mre Lakatos*. Alemanha: Springer International Publishing.
- Ahrne, G., Brusson, N., & Seidl, D. (2016). Resurrecting organization by going beyond organizations. *European Management Journal*, 34, 93-101.
- Almeida, M. d. C. d., Carvalho, E. d. A., Castro, G. d. (1997). *Ensaio de complexidade*. Brasil: Editora Sulina.
- Bessi, V., Zimmer, G. M., & Grisci, C. L. I. (2007). O panóptico digital nas organizações: espaço-temporalidade e controle no mundo do trabalho contemporâneo. *Organizações & Sociedade*, 14(42), 83-96.
- Castells, M. (2014). *A sociedade em rede - A era da informação: economia, sociedade e cultura*. 6 Ed. São Paulo: Paz e Terra.
- Cunliffe, A. (2010) Crafting Qualitative Research: Morgan and Smircich 30 Years On. *Organizational Research Methods*, 0, 1-27.
- Damasceno, C. A. P., & Sales, G. S. (2021). The Incommensurability in Thomas Kuhn and vocational, scientific and technological education: an essay on interdisciplinarity and practice in the teaching of building technology. *Brazilian Journal of Development*, 7(6), 62818-62826.

- Ferreira, A. P. C. (2006) Tecnologia de Informação Controle e Mundo do Trabalho: pensar tecnologia na ótica do trabalhador. *Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, 11, 14- 24.
- Feyerabend, P. K. (1970). *Contra método: esboço de uma teoria anarquista do conhecimento*. University of Minnesota Press, Minneapolis. Obtido da University of Minnesota Digital Conservancy. <https://hdl.handle.net/11299/184649>.
- Figueiredo, C. (2019). Algoritmos, subsunção do trabalho, vigilância e controle: novas estratégias de precarização do trabalho e colonização do mundo da vida. *Revista Eptic*, 21(1), 156-172.
- Filenga, D., & Vieira, A. M. (2012). Notas sobre o trabalho e seu contexto social. *Revista UNIABEU*, 5, 1-16.
- Franco, D. S., & Ferraz, D. L. S. (2019). Uberização do Trabalho e Acumulação Capitalista. *Cadernos Ebape.Br*, 17, Edição Especial, 844-856.
- Gaulejac, V. (2007). *Gestão como doença social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social: ideologia, poder gerencialista e fragmentação social*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Haguette, A. (1990). Alvin W. Gouldner e a teoria social. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, 20/21(1/2), 167-188.
- Kuhn, T. S. (2020). A estrutura das revoluções científicas. Brasil: Editora Perspectiva S/A.
- Lave, J., Wenger, E. C., Wenger, E. (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. Espanha: Cambridge University Press.
- Mills, C. W. (2000). *The Power Elite*. Reino Unido: Oxford University Press, USA.
- Motta, F. C. P. (1993). Controle Social nas Organizações. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, 33(5), set-out, 68-87.
- Morgan, G., & Smircich, L. (1980). The Case for Qualitative Research. *The Academy of Management Review*, 5(4), 491-500.
- Popper, K. R. (2003). *Conjecturas e refutações: o desenvolvimento do conhecimento científico*. Portugal: Almedina.
- Pondé, J, L. (2017). Racionalidade, incomensurabilidade e história: um diálogo entre as obras de Herbert Simon e Thomas Kuhn. *Nova Economia*, 27(3), 443-476.
- Ramos, A. G. (1989). *A Nova Ciência das Organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- Roesch, S. M. A. (1986). A dissertação de mestrado em administração: proposta de uma tipologia. *Revista de Administração*, (31) 1, 5-83.
- Santos, B. d. S. (2000). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Brasil: Graal.
- Santos, B. S. (2018). *Um discurso sobre as ciências*. Brasil: Cortez Editora.
- Silva, R. C. (2003). Controle organizacioanal, cultura e liderança: evolução, transformações, e perspectivas. *Revista De Administração Pública*, 37(4), 797-816.

Recebido em: 9-12-2021

Aprovado em: 16-12-2022

Avaliado pelo sistema double blind review.

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>